

“FECHA A LOJA DO GALEGO”¹: RIVALIDADE, ANTILUSITANISMO E CONFRONTOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DURANTE A COPA DO MUNDO DE 1966

Mariana da Conceição Fritz²

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo a investigação do antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro a partir do campo do futebol, fundamentado nas relações estabelecidas entre o desporto e a sociedade brasileira, que culminaram na revolta da população nacional após a derrota do selecionado brasileiro para o português na Copa do Mundo de Futebol de 1966. Nesse sentido, analiso o campo do futebol como responsável por reverberar questões sociais no Brasil, enfatizando as rivalidades já estabelecidas. Através da imprensa periódica fluminense analiso os discursos das elites modernizadoras que se interessavam pela difusão de uma relação de irmandade entre Brasil e Portugal, discursos, entretanto, que não representavam os eventos decorridos da derrota brasileira para a seleção de Portugal em 1966, que foi responsável pelos ataques aos estabelecimentos portugueses presentes na cidade do Rio de Janeiro, motivados pela rivalidade construída na virada do século XIX para o XX, a partir da ideologia do mundo do trabalho. Dessa forma, a presente investigação contribui para a compreensão da relação entre brasileiros e lusitanos e a importância das projeções causadas pelo desporto no cenário nacional.

Palavras-chave: Antilusitanismo. Futebol. Portugal. Imprensa. Copa do Mundo de futebol de 1966. Ideologia do trabalho.

“Fecha a loja do galeg”¹: rivalry, anti-lusitanism and conflicts in rio de janeiro during 1966 fifa world cup

Abstract: The main purpose of the current work is to investigate the antilusitanism in the city of Rio de Janeiro from the football field, based on the established relations between the sport and the Brazilian society, which ended in the revolt of the national population after the Portuguese team defeats the Brazilian one in the 1966 FIFA World Cup. Therefore, I analyze the sport, responsible for reverberating social issues within the sport, emphasizing the rivalries already established. Through the fluminense periodic press, I analyze the modernizing elites speeches, who were interested in spreading a brotherly relationship between both nations. Such speech, however, didn't represent the events that happened after the Brazilian team was defeated by the Portuguese one in 1966, which were responsible for the attacks on Portuguese facilities in Rio de Janeiro, motivated by the rivalry built at the turn of the 19th to the 20th century, from the ideology of the working world. Thus, the present investigation contributes to the understanding of the relationship between Brazilians and Portugueses, and the importance of the projections caused by the sport in the national scenario.

Keywords: Antilusitanism. Football. Portugal. Press. 1966 FIFA World Cup. Work Ideology.

¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p. 3.

² Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Introdução

Dentre os aspectos que compõem as particularidades do futebol, uma das que mais atrai o público pelo sentimento de pertencimento com o esporte, são as rivalidades. Tanto no âmbito clubístico, quanto no do selecionado, a rivalidade futebolística faz parte da história do desporto nacional. Dentre estas, a rivalidade entre Brasil e Portugal, nem sempre lembrada nas mesas dos bares, se fez bastante acirrada na década de 1960, a partir do embate decisivo entre as duas seleções na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, que teve como consequência conflitos entre populares das duas nacionalidades em variados pontos da cidade do Rio de Janeiro.

Os eventos ocorridos após a derrota do Brasil por 3x1 para a seleção portuguesa no campeonato de 1966 representaram de forma expressiva o sentimento mobilizado pelos símbolos do futebol na sociedade brasileira. As reações populares frente aos resultados inesperados, ou não, pela população confirmam a análise de Arlei Damo que vê na partida do desporto a verdadeira batalha entre questões sociais daqueles dois times que se enfrentam nas quatro linhas (DAMO, 2014). No caso de Brasil e Portugal, que possuem alguns séculos de história em comum, o confronto futebolístico passa a representar não somente os embates das memórias restritas à colonização, mas também as consequências da vivência cultural, social e política compartilhada entre lusitanos e brasileiros, evidenciadas pela ideologia do trabalho em terras fluminenses (Ribeiro, 2017).

O “país do futebol”, que foi gerado entre as décadas de 1930 e 1950 com as associações entre Nação e Seleção Brasileira, só foi possível de ser inventado com a gestação das torcidas, que somente se consolidaram a partir de dois pilares. Primeiramente o profissionalismo e sua inclusão de atletas mais parecidos com o imaginário social brasileiro, isto é, jogadores negros e de origem humilde, e também o vínculo identitário com a nação trabalhadora forjada pelo Governo Vargas através de seu nacionalismo (SARMENTO, 2013). Tais movimentos foram responsáveis por causarem o sentimento de pertencimento entre clube e torcedor, entre futebol e espectador, atraindo mais audiência para o espetáculo do campo, pois possibilitaram ao torcedor os sentimentos de inclusão e participação no advento do futebol ao notar que outras pessoas parecidas com

eles mesmos faziam parte daquele evento, além de o incluírem em um grupo chamado nação.

O sentimento de pertencimento entre torcida nacional, ou povo brasileiro, e seleção nacional possibilita a construção do fenômeno da rivalidade. Essa construção que parte das noções de pertencimento *versus* distanciamento entre os personagens (DAMO, 2014), na prática, torna o encontro de duas seleções, um encontro de significados muito amplos, envolvendo sentimentos, tensões e experiências comuns entre torcedores *versus* sentimentos, tensões e experiências comuns a outros torcedores. Os limites das fronteiras que separam essas duas seleções se tornam essenciais para delimitar quais torcedores pertencem a quais localidades, e junto dessas fronteiras questões políticas, sociais e culturais estão incluídas e fortemente presentes naquele campo de disputa, pois os torcedores carregam consigo identidades próprias de vastos significados diretamente ligados ao lugar onde pertencem. E se enxergar pertencente a uma localidade ou região, é enxergar em seus companheiros de torcida o semelhante, enquanto naquele que ocupa a torcida adversária, um tipo de “inimigo”, que não divide a mesma realidade que você e carrega outros simbolismos acerca daquela disputa. Logo, a expansão geográfica que cada confronto esportivo possui se altera quanto mais essa linha divisória aumenta ou se retrai, conferindo significados distintos a cada uma dessas disputas (DAMO, 2014), criando rivalidade entre eles.

O encontro entre Brasil e Portugal não poderia fugir dessa regra, trazendo para o confronto futebolístico as memórias disputadas e divididas entre as duas nações. Assim, este estudo tem por objetivo apresentar as tensões vivenciadas na sociedade carioca dos anos 1960, mobilizadas pelo antilusitanismo e estimuladas pelo sentimento causado pelo futebol, a partir das reações populares frente à derrota do selecionado brasileiro para Portugal por 3x1 na Copa do Mundo de 1966, e sua consequente eliminação do campeonato. A partir da imprensa local e seus periódicos, apresentarei os discursos que insistiam em uma “amizade luso-brasileira”, enquanto embates entre nacionais e portugueses estouravam, evidenciando outros significados sociais da relação entre os moradores da cidade. Pretendo, também, insistir na permanência antilusitana causada pela ideologia do trabalho desde o início do período republicano (RIBEIRO, 2017), que a partir

das manifestações causadas pela derrota brasileira de 1966, é evidente sua permanência.

Ideologia do trabalho e antilusitanismo no Rio de Janeiro do século XX

Para entender as tensões entre os dois países no campo do futebol, trazendo um olhar do ponto de vista brasileiro, mais precisamente localizado na cidade do Rio de Janeiro, é necessário investigar os momentos mais fervorosos de antilusitanismo na cidade, e mesmo havendo uma longa história conjunta entre os dois países no período colonial, se trata de um momento muito distante da inserção do futebol no Brasil, meu objeto de estudo. Por isso, analisarei os pontos de conflito a partir da grande migração portuguesa para o Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do século XX, a partir da obra da historiadora Gladys Ribeiro (RIBEIRO, 2017), um momento em que o antilusitanismo na cidade se faz bastante presente e ganha novos significados e contornos, não somente atribuídos às causas do período colonial.

O Brasil do período entre 1884 e 1930 esteve bastante presente na mira dos portugueses camponeses que tentavam a vida nos centros urbanos e nos campos brasileiros. Especialmente o Rio de Janeiro, a capital federal da época, passou a ser a cidade mais buscada por esses novos imigrantes. A vinda dos portugueses se dava principalmente pelas mudanças das relações de produção capitalistas cada vez mais presentes no cotidiano do campesinato português do fim do século XIX. Uma vez expulsos de suas terras pelo avanço do novo sistema vigente, estes viam no Brasil uma boa oportunidade de enriquecer e acumular riquezas. Além das mudanças em sua terra natal, o Brasil adotava uma forte política imigratória com o objetivo de ressignificar o ato de trabalhar, substituindo o retrocesso do trabalho escravo, degradante e violento. A partir disso, a introdução de imigrantes como mão de obra assalariada foi estabelecida para forçar a substituição do trabalho escravo pelo novo, visto que o imigrante era visto como superior ao nacional, e o imigrante europeu, por ser branco, tinha ainda mais vantagem (RIBEIRO, 2017).

Entre os grandes objetivos desses novos imigrantes, enriquecer para voltar para a terra natal ou para ascender socialmente, e enviar riquezas para suas

famílias que permaneciam em Portugal, eram os principais deles. E para acumular riquezas e poupar, preferiam ir para as cidades, pois a riqueza no campo “nunca chegava” (Ribeiro, 2017, p.206). Aceitavam pagamentos irrisórios, pois já vinham de regiões pauperizadas, e aqui poderiam acumular, devido a isso eram chamados de “galegos” pelos brasileiros de forma pejorativa, pois assim como os moradores da região da Galiza à época, região miserável da península ibérica, os portugueses aceitavam pagamentos miseráveis (RIBEIRO, 2017).

A presença de uma comunidade portuguesa grande na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de trabalhar, trouxe consigo novos cotidianos para os trabalhadores brasileiros. Essa comunidade só foi possível devido ao domínio dos setores comerciais pelos portugueses, pois quando o novo migrante chegava ao país, a oportunidade de trabalho já era garantida, eles “estavam assegurados por migrantes mais antigos, por parentes e pela comunidade” (RIBEIRO, 2017, p.212). A migração não era um ato individual, era um ato de classe. O acolhimento e a adaptação desses imigrantes girava em torno desses meios que o integravam à sociedade através do coletivo. A solidariedade entre imigrantes é parte importante da criação da sociabilidade de uma comunidade portuguesa aqui estabelecida.

Motivados a ascender socialmente e enviar recursos para suas famílias na Europa, os portugueses possuíam disposição para o trabalho, eram atenciosos, não faltavam ao serviço, estavam onde fosse preciso e eram muito responsáveis. Coisas que faltavam dentro do imaginário sobre os brasileiros, e desta forma o mercado de trabalho era preferencial aos portugueses, o que poderia ser visto com frequência nos jornais da época e seus anúncios em busca de funcionários lusos para determinadas funções. “‘PRECISA-SE SENHORA PORTUGUESA para...’ ou ‘PRECISA-SE MOÇO PORTUGUÊS, recém-chegado da terra, para...’ eram a ordem daqueles dias” (RIBEIRO, 2017, p.229).

Essa relação estabelecida entre portugueses acerca do mundo do trabalho é chamada por Gladys Sabina de “ideologia do trabalho”, a grande motivação cotidiana desses imigrantes que atuavam nesses espaços de forma disciplinar e exploratória era a grande característica desses indivíduos. Entretanto a ideologia do trabalho não era algo vindo da Europa, era algo absorvido quando os lusos chegavam aqui, principalmente incorporada pelas dificuldades do mundo do

trabalho e da realidade econômica e social da Primeira República. Logo, essa ideologia se tornara um modo de defesa para sobreviver à realidade. O aval do patrão, o reconhecimento de seu bom trabalho, sua dedicação, e a possibilidade de rapidamente obter ganhos futuros, assim como alcançar sua autonomia, se tornaram prazeres cotidianos da vida do imigrante português (RIBEIRO, 2017).

As relações de trabalho entre patrão e empregado portugueses eram estabelecidas a partir da exploração e do paternalismo. Ao mesmo tempo em que a figura do patrão explorava seus empregados, ele mantinha um vínculo de solidariedade empregando-os e, posteriormente, dividindo sua casa com seus novos funcionários, permitindo uma relação de divisão do lar e da comida. Os recém-chegados eram colocados sob tutela de outros portugueses, de modo que a ideologia do trabalho permitia a exploração em troca do paternalismo. O patrão era bem visto por conceder o trabalho e as condições propícias para a acumulação. “O trabalho os unia e tornava-os solidários” (Ribeiro, 2017, p. 213).

No cenário que se assentava a cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX e início da República, o valor do trabalho livre e assíduo, em um momento de valorização e intensificação dos meios de trabalho e sociedade capitalista, passa a crescer e servir de modelo dentro do país. A figura do português passou a ser reflexo de um trabalho árduo que por suas próprias pernas se tornara rico, logo, para o novo cenário e panorama construído dentro da capital, algo extremamente positivo.

O trabalho e sua valorização trouxe um novo olhar para os modos e perspectivas distintas sobre passar o tempo entre brasileiros e portugueses. Havia uma concepção difundida na sociedade lusa de viver a vida encarando o tempo e o trabalho dentro de uma perspectiva disciplinar, em prol da acumulação típica de uma sociedade capitalista. Tal valorização distinguia-se das noções de tempo e trabalho da população carioca, muito atrelada às sequelas da escravidão, que não aceitavam bem o controle dos horários no mundo do trabalho, assim como não enxergavam o bom aproveitamento do tempo necessariamente atrelado ao trabalho. Paralelamente à ideia crescente da “ética do trabalho”, crescia um conceito sobre a vadiagem e a malandragem, e o trabalhador era cada vez mais ligado ao imigrante, e não ao nacional. E as diferentes concepções sobre a

autonomia e a lógica do trabalho geravam disputas por espaços no mercado, assim como conflitos.

No Rio de Janeiro, os portugueses passaram a ser tanto concorrentes diretos dos brasileiros, quanto inimigos do povo, principalmente por aceitarem salários mais baixos. Basicamente eles se tornaram monopolizadores de certas atividades como o comércio a retalho e serviços atrás de balcões. Apesar disso, mesmo quando “desordenadores” sociais³, os portugueses carregavam consigo a dignificação do trabalho, que levaria ao progresso e civilização gestada no imaginário da Primeira República, e por isso estavam à frente junto à modernização. Quando seus atos produtivos eram julgados exploratórios, sofriam perseguição popular, da imprensa e da polícia, porém ainda assim eram proprietários e privilegiados dentro dessa sociedade. Desta forma, a comunidade portuguesa que já tinha o hábito de se proteger quando qualquer conflito era gerado, costumava sair ilesa dos julgamentos aos quais eram submetidos.

Já sobre os anos 1930, Gladys Ribeiro lembra que a partir das políticas de valorização do trabalho, medidas foram tomadas para acirrar a relação entre trabalho, honra e educação. “Puniam-se a negação do trabalho, o lazer, o não ser disciplinado e assíduo e a valorização diferente da utilização do tempo” (Ribeiro, 2017, p. 229). Os trabalhadores eram vistos de maneira positiva dentro de uma sociedade que valorizava essa relação. As novas políticas de valorização do trabalho teriam ressignificado a relação entre brasileiros e portugueses, visto que a incorporação desta teria se espalhado entre os nacionais. Desta forma, a autora sugere que houve um abafamento e conseqüente desaparecimento do antiportuguesismo fluminense, também relacionados à repressão ao movimento jacobino nos anos 1920, mobilizadores de um patriotismo e responsáveis por parte da corrente antilusitana, e à baixa na imigração estrangeira a partir dos anos 1930 (Ribeiro, 2017).

³ Termo usado pela historiadora Gladys Sabina para referir-se aos portugueses quando culpados pelas crises econômicas do início da República, atrelados à alta exploração lusitana no mundo do trabalho sob a população carioca. Referente não somente ao dia-a-dia árduo dos comércios, mas também às cobranças de aluguéis extorsivos e juros altos sobre empréstimos anteriores. Para saber mais sobre o assunto, ver: *Ibid.*, p. 208

Entretanto, outra perspectiva acerca da manutenção do antilusitanismo ao longo do período republicano diz respeito às alterações das políticas anti-imigrantistas do Estado Novo, em outro panorama político de valorização dos portugueses. O decreto-lei nº 406, de 1938, defendia a seleção de imigrantes possíveis de entrar no Brasil e proibia a entrada daqueles “avessos à ‘composição étnica e social’ brasileira” (Mendes, 2010, p. 246). A lei versava, principalmente, sobre a entrada de alemães, italianos, espanhóis e japoneses. Entretanto, para com os portugueses, a lei não se dava da mesma forma e tendia a protegê-los. Dentre as medidas preferenciais aos lusitanos, resoluções e decretos, também do ano de 1938, passaram a equiparar “os portugueses aos brasileiros para fins de povoamento” (Mendes, 2010, p.256). Como observa o historiador José Sacchetta Mendes, a ideia de uma identidade comum luso-brasileira passa a ser registrada pela própria lei.

Três meses após promulgar o decreto-lei nº 406, o Governo Vargas publicou o seu regulamento, mais abrangente que a própria norma que lhe deu forma: o decreto nº 3010, de 20 de Agosto de 1938 [...] A segunda parte do decreto nº 3010 abordava a implantação de núcleos coloniais e repetiu a proibição de estrangeiros de uma só nacionalidade se concentrarem territorialmente, gerando áreas demográficas “em conflito com a composição étnica e social do povo brasileiro”. Para evitá-lo, confirmou a solução de manter um mínimo de 30% de brasileiros natos nas frentes de povoamento e, na ausência destes, a alocação de estrangeiros “de preferência de nacionalidade portuguesa” (MENDES, 2010, p. 247).

Como o autor aponta em seu trabalho, os portugueses que aqui chegaram às décadas de 1930 e 1940 continuaram dirigindo-se para os centros urbanos, atraídos principalmente pelas redes de solidariedade das comunidades portuguesas não somente no Rio de Janeiro, mas em vários outros estados. Pode-se concluir então, que a migração permaneceu, e mesmo em outra conjuntura política, esses migrantes continuaram sob a proteção do Estado, o que pode ter mantido o sentimento lusofóbico nacional. Porém, desta vez com o controle assíduo das forças policiais estado-novistas, é possível que esses embates permanecessem menos evidentes.

Neste trabalho, assumo que as rivalidades entre brasileiros e portugueses estabelecidas desde o início do século XX, primeiramente, permaneceram ao longo da República, e conseqüentemente, reverberaram e se estenderam para o

campo do futebol, visto as permanências do imaginário sobre a figura do português e do brasileiro ao longo do tempo. As rivalidades do desporto protagonizadas pelas duas nações ganharam novos personagens na cidade do Rio de Janeiro, como as identidades atribuídas a Vasco x Flamengo⁴, por exemplo, entretanto, a permanência dos significados atribuídos aos personagens lusos e nacionais seguiu carregando símbolos do mundo do trabalho.

Antecedentes: Os confrontos entre Brasil e Portugal ao longo da história

A presente investigação, através da análise dos periódicos fluminenses acerca dos confrontos entre os dois selecionados, pretende apresentar a repercussão das partidas entre Brasil e Portugal ao longo da história até a data do grande embate da Copa de 1966. A investigação se faz necessária para compreender e desmentir os discursos da imprensa local que insistiam em aproximar portugueses e brasileiros como um povo unido e irmanado, visto que antes mesmo da derrota por 3x1 da seleção nacional para Portugal na Copa do Mundo da Inglaterra, os torcedores de ambas as seleções já haviam protagonizado conflitos.

Fazendo uso da grande imprensa periódica, a partir das visões e opiniões próprias dos seus redatores e jornalistas, que conseqüentemente respondiam aos interesses de seus grupos financeiros, anunciantes, leitores e às próprias pressões políticas, os jornais analisados apresentavam discursos específicos dissimulando notícias isentas disfarçadas (CAPELATO, 1988). Como menciona Capelato, os periódicos sempre atuaram como uma força política, responsáveis por dar voz para determinados interesses de camadas específicas da sociedade, assim como levar à população essa mesma visão específica difundida como verdade absoluta em forma de notícia.

A existência de uma grande abrangência de periódicos, com ideologias e abordagens distintas, permite que mais de um jornal esteja vinculado à grande

⁴ Para entender melhor as aproximações entre os dois clubes e suas identidades lusitana e nacional, respectivamente, ver: COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019

imprensa, havendo mais de um tipo de discurso nas capas dos jornais, assim como mais de um modo de pensar em voga em determinados períodos da sociedade.

Desta forma, é necessário compreender que as vozes presentes nos jornais para tratar a relação entre Brasil e Portugal no âmbito do esporte, assim como nos âmbitos político e social, que são os principais pontos da disputa abordados aqui, vêm a ser assumidas de duas formas principais. A primeira fazendo jus aos interesses da própria direção dos periódicos usados nesse trabalho, em sua maioria jornais de grande circulação e abrangência, e a segunda leva em conta que os jornais se moldam aos interesses do seu público, podendo-se assumir que parte dos discursos analisados também se trata do discurso em voga nos períodos estudados, e de parte de uma opinião pública (CAPELATO, 1988).

Assim, as relações estabelecidas através dos jornais de cada período concernente às partidas citadas tendem a registrar a opinião mútua entre parte da sociedade e dos interesses dos jornais analisados. Os discursos estabelecidos neste trabalho entre Brasil e Portugal, então, agregam diferentes vozes, mas todas presentes na sociedade carioca nos períodos analisados.

Brasil e Portugal se enfrentaram oito vezes⁵ antes da partida da Copa de 1966, tendo a seleção brasileira vencido seis vezes, a portuguesa apenas uma, e um empate entre elas. Das oito partidas, sete foram amistosas e somente uma se tratou de um pequeno campeonato, a Copa das Nações. Neste trabalho pretendo chamar a atenção para a repercussão na imprensa não somente de alguns conflitos registrados, mas também para o posicionamento dos periódicos quanto a relação entre as duas nações e as mudanças nos discursos apresentados, a partir de somente alguns dos confrontos.

Dentre os jogos entre as duas seleções, a segunda partida da história entre Brasil e Portugal, em 1957, pela primeira vez dentro de casa, e também dentro do

⁵ O primeiro confronto se deu no dia 8 de abril de 1956, em Lisboa, e terminou com a vitória de 1x0 para o Brasil; o segundo foi no dia 11 de junho de 1957, no Rio de Janeiro, com o resultado de 2x1 para o Brasil; a terceira partida ocorreu no dia 16 de junho do mesmo ano, em São Paulo, findando em 3x0 para o Brasil; o quarto confronto foi no dia 6 de maio de 1962, na cidade de São Paulo, com a vitória brasileira por 2x1; a quinta partida se deu no dia 9 de maio de 1962, na cidade do Rio de Janeiro, com o resultado de 1x0 para o selecionado brasileiro; o sexto confronto aconteceu no dia 21 de abril de 1963, em Lisboa, findando em 1x0 para Portugal; o sétimo foi no dia 7 de junho de 1964, na cidade do Rio de Janeiro, terminando em vitória brasileira por 4x1; e o oitavo confronto foi realizado no dia 24 de junho de 1965, na cidade do Porto, um empate em 0x0.

Maracná, foi marcada pela presença do general Craveiro Lopes, presidente português à época, na cidade do Rio de Janeiro, que desembarcou no Brasil mais de uma semana antes do jogo, a fim de estabelecer e exaltar laços entre as duas nações. O presidente que visitou alguns estados brasileiros, ao desembarcar na capital federal passou a ter Juscelino Kubitschek como acompanhante em seus vários compromissos, que geralmente tratava-se de eventos com a função de homenagear o próprio Craveiro Lopes, e exaltar uma irmandade luso-brasileira. A presença do político na cidade foi o grande assunto da imprensa naquela semana, que passou a dar visibilidade aos festejos e eventos lusos, além de diariamente apresentar a agenda completa do presidente português, ofuscando completamente a partida futebolística que se realizaria no dia 11 de junho daquele ano de 1957.

Lopes visitou muitas entidades e associações, além de participar de outras solenidades como a assinatura do acordo para a execução do Tratado de Amizade e Consulta entre os dois países⁶. O militar visitou a Beneficência Portuguesa, o Museu de Arte Moderna, o Liceu Literário Português, e outras instituições cariocas. Ao longo da semana de permanência do general Craveiro Lopes, alguns discursos foram tomando as capas dos jornais, discursos de cunho econômico, político ou social, independente do teor, todos tratavam de exaltar a aliança entre os dois países, ressaltando os laços estabelecidos ao longo da história comum.

Neste momento, em que a visita do chefe de Estado português está dando oportunidade a novas e reiteradas demonstrações do nosso nunca destemido afeto ao povo luso, vale a pena recordar a situação verdadeiramente privilegiada dos cidadãos d'além-mar aqui residentes, em face da legislação. [...] podem quase tudo, menos possuir ações da Petrobrás, êsse alto padrão de xenofobia. [...] A bem dizer, não os consideramos estrangeiros [...] Qualquer outro alienígena que deseje naturalizar-se tem que suar fino. Português não. Um ano de residência e pronto. Não lhes pede provas nem de exercício da profissão, nem da posse de bens suficientes à manutenção própria e da família. Tampouco se exige que saibam ler e escrever. Nada disso. Um ano de residência, boa conduta e boa saúde bastam. [...] De acôrdo com o decreto legislativo n° 59, de 1954, os portugueses são equiparados aos nacionais em tudo [...] O que desejo salientar, neste grifo, aproveitando esta hora de euforia luso-brasileira, é o firme inequívoco e crescente sentimento de fraternidade que temos demonstrado ao povo português, realmente um povo ótimo [...]⁷

⁶ Para entender melhor o tratado, ver: BRASIL. *Decreto n° 41.662, de 11 de junho de 1957*. Cria no Ministério das Relações Exteriores a Comissão Permanente para a Aplicação do Tratado de Amizade e Consulta entre o Brasil e Portugal (CTAP). Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, p. 16021, 1957. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-41662-11-junho-1957-380419-publicacaooriginal-1-pe.html>> , acessado em: 18 de outubro de 2020.

⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1957, p. 2

O trecho acima do tradicional colunista All Right do *Correio da Manhã* ilustra a validade nacional dada aos portugueses moradores do país, protegidos pelas políticas brasileiras e preferidos frente a outros imigrantes, o que já não era novidade no Brasil⁸. A insistência em tornar brasileiros e portugueses em um povo só já era característica presente nas políticas republicanas, e os privilégios atribuídos aos lusos em terras brasileiras pareciam ganhar cada vez mais espaço.

Já no dia 11 de junho, o mesmo dia da partida entre as duas seleções, Craveiro Lopes, acompanhado do presidente do Brasil, visitou a Associação Comercial pela manhã, onde recebeu homenagens da imprensa e dos representantes das classes conservadoras. Rui Gomes de Almeida, presidente da associação visitada, discursou lembrando-se da comunidade luso-brasileira.

Abrem-se novas perspectivas no mundo contemporâneo para a comunidade luso-brasileira. Caberá a lusos e brasileiros, que são a mesma raça, repetirem no futuro tarefas tão memoráveis quanto as do passado, quando aqueles, em plena era dos navios [...] firmaram a hegemonia universal de sua gente. A tendência mais forte, que num futuro próximo superará o nacionalismo exagerado, será a aglutinação das nações em grupos maiores, tendo em vista a defesa de seus interesses e das suas aspirações⁹.

Representante das classes conservadoras, o discurso noticiado pelo *Correio da Manhã* repete o evolucionismo colonizador, pretendendo a aproximação entre os dois povos justificada em uma possível hegemonia ocidental europeia. O que Rui Gomes identificou como “nacionalismo exagerado” poderia ser explicado pelas camadas autoras de tal nacionalismo como pertinente aos vestígios ainda presentes de uma relação não tão amigável quanto os eventos relatados tentavam passar. Desta forma, a fala do presidente da associação elucida a permanência de, pelo menos, alguma vertente lusofóbica na população.

Ainda dentre os eventos da agenda de Craveiro Lopes, a partida entre a seleção brasileira e a portuguesa acabou por ser deixada em segundo plano frente aos inúmeros compromissos do estadista. Até mesmo na imprensa, o jogo não teve tanto espaço e a presença dos presidentes brasileiro e português no estádio, ganharam mais notoriedade que a partida em si. O confronto realizado no

⁸ Para entender melhor a relação privilegiada dos portugueses em terras nacionais, ver: MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de Sangue Privilégios e Intolerância à Imigração Portuguesa no Brasil (1822-1945)*. Porto: CEPES, 2010. p. 225-281.

⁹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1957, p. 1, 11

Maracanã, que se encerrou em 2x1 para os nacionais, foi levado à imprensa como uma “pálida exibição do selecionado nacional”¹⁰. E nem mesmo a vitória brasileira apagou o verdadeiro foco da imprensa.

As belas solenidades que precederam ao jogo revestiram-se do maior sucesso, principalmente com a exibição da Banda dos Fuzileiros Navais, aplaudida de pé tanto pelo presidente de Portugal general Craveiro Lopes, como por sua senhora presentes ao estádio. E também digna de nota a impressionante salva de palmas com que foi recebido o estadista luso acompanhado do presidente Kubitschek e senhora. Quanto ao jogo propriamente dito o selecionado brasileiro fêz valer a maior classe de seus integrantes, embora se ressentisse da ausência de um homem-gôl¹¹.

A presença do estadista português no país e a grande cobertura realizada pela imprensa, de modo a negligenciar a partida entre Brasil e Portugal para evidenciar a agenda diária de Craveiro Lopes, tratam de ressaltar a relação que os representantes das elites, tanto da imprensa quanto do próprio Estado, tentavam difundir acerca da relação entre Brasil e Portugal. Os privilégios dos portugueses moradores do país à época permaneciam vigentes, evidenciando a herança da virada do século em que portugueses eram veementemente beneficiados, como já ressaltado qui, e, como lembrado pela coluna de All Right através do *Correio da Manhã*¹², havia aqueles que defendiam a manutenção de tais privilégios, assim como reclamavam a falta da total igualdade entre os direitos lusos e brasileiros em terras nacionais, como o próprio redator do jornal.

Além disso, a estadia de Craveiro Lopes marcou tanto essas camadas que insistiam em buscar a modernização através de tal aproximação, que no dia 6 de agosto de 1957 o *Correio da Manhã* anunciava a inauguração da “Exposição Craveiro Lopes” no nono andar do edifício da Associação Brasileira de Imprensa, “uma exposição de recortes de jornais e revistas de todo o país referente à visita do presidente Craveiro Lopes ao Brasil”¹³. Tal exposição, assim como a negligência na cobertura do amistoso do esporte nacional do dia 11 de junho daquele ano e o espaço dado à presença do estadista luso no país, escancaravam a necessidade e vontade dos interesses por trás da grande imprensa analisada.

¹⁰ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1957, p. 17

¹¹ *A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1957, p. 8

¹² *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1957, p. 2

¹³ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1956, p. 2

Já no ano de 1962, a seleção brasileira enfrentou Portugal duas vezes dentro de casa como parte da fase preparatória para a Copa do Mundo que se aproximava, em São Paulo no dia 6 de maio e no Rio de Janeiro no dia 9 daquele mês. O segundo jogo da história dos confrontos entre as duas seleções dentro do Maracanã, também se tratou da quinta partida entre os dois selecionados, sendo a quarta dentro de casa.

Após a partida no Pacaembu¹⁴, a delegação portuguesa chegou ao Rio de Janeiro para o segundo jogo da sua estadia no Brasil. Sua chegada à cidade foi marcada por uma recepção de representantes, autoridades e torcedores de um clube carioca que à época já estava profundamente relacionado à memória lusitana.

Com chuva de serpentinas e confete e passando entre alas de bandeiras do Vasco da Gama, foram recepcionados os componentes da delegação portuguesa, ontem, no aeroporto Santos Dumont [...] O presidente João Havelange, [...] o presidente do Vasco, sr. José da Silva Pocha, o ex-presidente Alá Batista, Medrado Dias e José de Castro Freire, do Vasco da Gama, foram figuras que anotamos presente no Santos Dumont, além de muitas bandeiras, muita gente e confete e serpentinas em profusão¹⁵.

Além da recepção calorosa no aeroporto carioca, o Vasco da Gama colocou todas as suas dependências à disposição da delegação portuguesa, São Januário foi tomado pelos jogadores lusos que usufruíram das duchas e dos massagistas do clube, além de disponibilizar o campo para o treino agendado naquele dia pela seleção. A aproximação entre a instituição e a exaltação de uma memória lusa em sua história era evidente, pois a partir da chegada do selecionado na cidade, não se tinha mais a recepção por parte dos “irmãos brasileiros”, e sim dos “irmãos vascaínos”. Desta forma, nota-se a mudança no significado da relação entre as seleções. Se antes quem majoritariamente recepcionava o selecionado e disponibilizava suas dependências era a CBD, a partir deste confronto, quem se apresentava em massa para fazê-la, era o Clube de Regatas Vasco da Gama.

A partida no Maracanã findou em 1x0 para o Brasil, totalizando a quinta vitória consecutiva da história dos confrontos. Mas outra notícia se fez notar na mesma edição do *Correio da Manhã* que trazia os detalhes sobre a vitória brasileira ainda no Pacaembu. A coluna “Flagrantes” trouxe para as páginas do

¹⁴ A partida acabou com uma vitória de 2x1 para o Brasil.

¹⁵ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1962, p. 24

jornal, em formato de uma breve crônica, um acontecimento das arquibancadas do jogo do dia 6 daquele mês em São Paulo, levava como título “O rôto e o esfarrapado”:

Domingo no Pacaembu, antes do jogo Brasil x Portugal, estourou um bafafá nas arquibancadas quando um torcedor luso ficou de boina na cabeça por ocasião da execução do hino brasileiro. Interpelado em termos violentos por um vizinho o lusitano declarou:

- “Eu já cumpri minha obrigação tirando a boina quando tocaram o hino português. Você agora cumpra a sua tirando êsse gôrrô da cabeça!”¹⁶.

O ocorrido revela um sentimento de desrespeito experimentado pelos brasileiros à ocasião em relação à atitude do português, a ponto de causar uma pequena confusão retratada nos jornais. Sendo o primeiro princípio de conflito entre os torcedores das distintas nacionalidades registrado em periódico, pode-se identificar uma possível verdadeira relação, nesse caso de rivalidade, entre os torcedores de cada nação, visto que nos jornais analisados anteriormente apenas as relações do Estado e da imprensa eram relatadas.

Também sobre a relação de rivalidade entre esses torcedores, é importante destacar a grande aproximação do Clube de Regatas Vasco da Gama com a identidade lusa que passou a ser utilizada pela imprensa a partir do advento do profissionalismo. Mesmo fundado pela colônia portuguesa, somente nos anos 1930 o clube passou a ser associado aos europeus, e desta forma, nos anos 1960, a relação luso-brasileira já estava entranhada na instituição, fazendo valer a festa identificada na chegada da seleção portuguesa ao Rio. Com isso, gostaria de destacar que os novos símbolos da relação amistosa entre as duas nações dentro do campo do futebol do Rio de Janeiro podem ter sido acentuadamente transferidas da relação macro da seleção brasileira, para a micro do Vasco da Gama, ressignificando essa relação dentro da cidade. Esta que foi intensificada com o acirramento da rivalidade entre Flamengo e Vasco, sendo o primeiro o representante da brasilidade e o segundo acabando por assumir o papel do estrangeiro, a partir dos discursos criados pelo próprio Clube de Regatas do

¹⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1962, p. 13

Flamengo, fazendo valer sua popularidade a partir da dicotomia inventada, atrelando ao seu rival a imagem indesejada do português¹⁷.

No ano seguinte ao bicampeonato de 1962 o escrete nacional partiu para a Europa e para o Oriente Médio em busca de continuar o programa de preparação para a Copa de 1966, realizando dez jogos no estrangeiro, sendo o primeiro contra Portugal no dia 21 de abril. A partida marcou a primeira vitória portuguesa sobre brasileiros no esporte. No dia seguinte Lisboa amanheceu em festa com a concentração de torcedores de dentro e fora da cidade que se reuniram no Estádio Nacional de Lisboa para comemorar a vitória de 1x0 e a boa atuação da seleção portuguesa. Enquanto isso, nenhuma notícia foi retratada acerca dos torcedores brasileiros após a partida. Os periódicos analisados só mostravam o susto e a decepção daqueles jornalistas que acabavam por representar os brasileiros.

A primeira derrota nacional frente ao selecionado luso, aparentemente, não causou tantos sentimentos explícitos de indignação aos nacionais. Analiso isso, pois a derrota seguinte a ser tratada, por 3x1 na Copa do Mundo de 1966, por outro lado, foi muito expressiva e sentida pelos nacionais da cidade do Rio de Janeiro, que aproveitaram a ocasião para demonstrar o antilusitanismo presente naquela sociedade. Entretanto, é preciso salientar dois pontos importantes acerca do evento de 1963. O primeiro diz respeito ao outro evento que ocorria junto às preparações e reações do amistoso de Lisboa, o pan-americano de São Paulo, que além de ser o primeiro Pan da história dentro do Brasil, a atuação brasileira na competição foi bastante ilustre, terminando na segunda colocação do quadro de medalhas, sendo a melhor posição alcançada pela delegação na história, igualada somente no último pan-americano, de 2019. Além disso, o número total de medalhas brasileiras, 52 medalhas, só foi ultrapassado 20 anos depois no pan-americano de Caracas em 1983, em que a seleção alcançou o número de 57 medalhas totais. A mobilização popular em torno da novidade que a competição trazia à sociedade brasileira era notória e registrada diariamente nos periódicos brasileiros, de modo que, certamente, não havia amistoso capaz de competir às atenções.

¹⁷ Para entender melhor a aproximação do Vasco da Gama com os símbolos portugueses e as representações criadas pelo Flamengo, ver: COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

Um segundo ponto a ser levantado quanto a possível falta de mobilização popular após a derrota para os portugueses, é o fato de se tratar de uma partida amistosa. A comparação ao mundial de 1966, que mexeu profundamente com a sociedade carioca, não mobiliza os mesmos símbolos e sentimentos que uma simples partida amistosa. Como Arlei Damo elucida em seu trabalho, os circuitos de disputas¹⁸ foram introduzidos e cada vez mais recorridos, justamente por dar maior significado aos confrontos entre entidades, e por consequência, criar maior rivalidade. A partir da, cada vez maior, competitividade apresentada dentro destes circuitos, os amistosos passaram a perder o sentido, e consequentemente, mobilizar menos os espectadores (DAMO, 2014). Assim, reitero que um grande fator para os eventos ocorridos no Rio de Janeiro após a derrota por 3x1 para Portugal em 1966 foi a importância dada ao campeonato disputado, uma Copa do Mundo.

Já em 1964 foi realizada no Brasil a Copa das Nações, um torneio curto que contou somente com as participações dos selecionados inglês, português, argentino e brasileiro. A seleção argentina foi a campeã da competição idealizada por Mário Filho em 1950, e articulada novamente com o intuito de comemorar os cinquenta anos da CBD em 1964, instituição que foi fundada no dia 8 de junho de 1914. A derrota brasileira no torneio trouxe grande frustração e surpresa, visto que a seleção bicampeã mundial, que ainda carregava consigo craques como Pelé e Gilmar, não apresentara o futebol esperado.

No dia 6 de junho a Argentina consagrou sua vitória no campeonato após vencer os ingleses por 1x0, e se manter como a única equipe com três vitórias no torneio¹⁹. Mesmo com um campeão já anunciado, Brasil e Portugal jogariam no dia seguinte no Maracanã para cumprir a tabela do campeonato, e os jornais já estampavam que a vitória sobre Portugal era necessária para lembrar que o Brasil ainda era o bicampeão mundial²⁰.

A equipe portuguesa, que vinha de um empate com os ingleses no Pacaembu, chegou ao Rio de Janeiro logo sendo homenageada pelos

¹⁸ Termo usado por Arlei para referir-se às competições futebolísticas. DAMO, Arlei Sander. *O espetáculo das identidades e alteridades: As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro*. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 23-55.

¹⁹ 2x0 contra Portugal, 3x0 contra o Brasil e 1x0 contra a Inglaterra.

²⁰ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1964, p.1.

representantes diplomáticos na embaixada de Portugal. Novamente o Vasco da Gama ofereceu o campo de São Januário para a preparação dos lusos, onde um dia antes da partida realizariam um treino leve pela manhã.

No dia do confronto entre Brasil e Portugal o *Jornal dos Sports* salientava a necessidade do apoio à equipe brasileira, convocando a torcida para o Maracanã e relembrando a importância da seleção bicampeã mundial.

O Brasil joga hoje contra Portugal e é dever indeclinável da torcida comparecer ao Maracanã, com seu melhor propósito afirmativo de solidariedade aos nossos bravos bicampeões mundiais, heróis enaltecidos em duas Copas inesquecíveis [...] Ganhar, perder ou empatar é contingência inalienável do próprio esporte. O que não se compreenderia nem a ninguém seria lícito perdoar depois de tudo é que se fosse negar, agora mais do que nunca, o mínimo de respeito e gratidão ao escrete do qual, outras vezes, dele mesmo tanto nos orgulhamos²¹.

A coluna do *JS* fazia um claro apelo à repercussão negativa da derrota dos nacionais para a seleção Argentina, que com uma atuação bastante superior aos donos da casa goleou os brasileiros por 3x0. Já a partida do dia 8 de junho acabou por consagrar a superioridade brasileira que venceu os lusos por 4x1, mesmo não apresentando seu melhor futebol. Acerca das rivalidades encontradas, alguns pontos do evento merecem destaque. O *Jornal dos Sports* na edição do dia seguinte já apontava para alguns desentendimentos entre torcedores e também entre atitudes dos jogadores. Primeiramente o *JS* demonstrou descontentamento com a falta de reciprocidade dos portugueses após a execução do hino nacional.

Verdadeira descortesia tiveram os jogadores portugueses para com os brasileiros. Isto porque, por ocasião da execução dos hinos nacionais, os brasileiros aplaudiram quando a Banda terminou de executar o de Portugal, enquanto os lusos permaneceram imóveis, sem bater palmas, após o hino nacional brasileiro²².

Além do incidente classificado como “descortês” pelo periódico, o posicionamento da torcida brasileira também foi lembrado a partir dos gritos de “olé” após a já estabelecida vitória nacional. Além dos gritos que incomodavam os torcedores portugueses, já no início da partida, alguns conflitos foram registrados entre brasileiros e portugueses nas arquibancadas.

Como não poderia deixar de acontecer, as brigas nas arquibancadas não fugiram à rotina. Assim é que tão logo o Brasil inaugurou o marcador, na parte fronteira às cadeiras perpétuas, o “pau” comeu sôlto, com os

²¹ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1964, p.2

²² *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1964, p.4

cidadãos brigando de bandeiras em punho. Portugal contra Brasil na Base de bandeiras²³.

Mesmo que o desejo por partidas respeitadas ainda pudesse ser encontrado nesses jornais, o tom da rivalidade desejada em uma partida de futebol já passava a fazer parte de Brasil x Portugal nos anos 1960, e este não partia somente da imprensa, mas também se encontrava dentro das instituições e principalmente nas torcidas. Logo, a construção da rivalidade está presente, e mesmo que tenha se transferido para dentro dos clubes, no caso do Rio de Janeiro, para dentro das representações de Flamengo x Vasco²⁴, ela ainda vive na sociedade carioca e ainda há muito estudo a ser realizado a respeito do seu imaginário.

Permanências antilusitanas

Muitos conflitos ocorreram na cidade fluminense após a derrota brasileira para os portugueses na Copa do Mundo da Inglaterra de 1966. Os principais alvos da revolta dos nacionais foram os estabelecimentos comerciais portugueses, que além de terem lusos como proprietários, também os tinham como funcionários. Desta forma, vê-se que o antilusitanismo, causado pelo mundo do trabalho do início do século XX, permaneceu nos anos seguintes, e a partir do fenômeno do futebol brasileiro, que carrega para dentro do campo esportivo os embates sociais nacionais (Damo, 2014), este permaneceu presente também no campo do desporto. Mesmo que no campo governamental os discursos antilusitanos tenham se alterado, no campo cultural, mais precisamente no do futebol, ele se manteve presente ao longo da República brasileira.

A derrota do Brasil frente a Portugal gerou no Rio uma série de distúrbios, nos quais os principais alvos foram os comerciantes portugueses, que comemoravam a vitória do seu país e foram obrigados a pedradas a fechar as portas dos seus estabelecimentos, e os membros da Comissão Técnica, para quem foi armada uma fôrca na Cinelândia²⁵.

Como registrado no *Jornal do Brasil* do dia seguinte à partida, um traço importante da investigação aqui feita, acerca da permanência do antilusitanismo

²³ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1964, p.4

²⁴ Para entender melhor, ver: COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

²⁵ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p.1.

mobilizado pelo mundo do trabalho, é a ocorrência da revolta dos brasileiros para com estabelecimentos portugueses na cidade do Rio. Os lusos donos de casas comerciais, assim como de bares e botequins na cidade, já se sentiam amedrontados antes mesmo do resultado da partida. Ameaças e provocações permaneceram comuns entre nacionais e portugueses no mundo do trabalho, mas com a derrota brasileira na Copa do Mundo, que prometia trazer o tricampeonato mundial para casa, essa inimizade além de ficar mais evidente, passou a estampar as páginas dos jornais, que até então insistiam em retratar a relação das nações como amistosa em seus discursos.

A Copa do Mundo é definida por Arno Vogel como um confronto entre nações que objetivam conquistar um título, que acaba por conferir ao seu detentor “privilégios honoríficos” (VOGEL, 1982). Através de confrontos ritualizados, vão se mantendo na competição os vencedores das partidas progressivas, restando, ao fim, somente os dois sobreviventes do processo eliminatório, que terão o privilégio de jogarem a partida final. Os simbolismos movidos pela histórica competição vão para além das quatro linhas, e se tratam da afirmação latino-americana sobre potências europeias, de modo que

Através dele, os uruguaiois, argentinos e brasileiros conseguiram os seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que lhes tinham ensinado o jogo. Esta relação pode ter sido decisiva, ainda mais se for levado em consideração o fato de o futebol ter se incorporado à vida das elites. O modelo de vida social, nos países mencionados, é, senão gerado, pelo menos fortemente influenciado pelos padrões dessas elites. Por todos esses motivos, há muito mais em jogo, nas Copas, do que supõe o senso-comum (Vogel, 1982, p.82).

Desta forma, é explícita a mobilização causada não somente pelo esporte nas sociedades mencionadas, capaz de movimentar camadas distintas, mas também a representação de um torneio de alta competitividade que coloca em campo os interesses de sociedades completamente afastadas no cenário mundial, em sentido social, político, econômico e outros.

A partir dessa premissa acerca da competição analisada, assim como os princípios do mundo do trabalho, neste estudo levo em conta esses dois pontos chaves para comprovar o antilusitanismo permanente no mundo do futebol no evento em questão, assumindo que este sempre esteve presente, porém nem sempre foi retratado na grande imprensa devido aos interesses destes periódicos. Entretanto, as mobilizações presentes no evento a ser tratado foram muitas e

intensas, de modo que não havia como esconder ou deixar de relacionar brasileiros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro sem lembrar do antiportuguesismo presente desde a virada do século XIX para o XX.

Assumindo, também, a importância de uma Copa do Mundo e seus significados para os países que possuem o futebol como esporte mais popular, pretendo ressaltar que, dentro do mundo dos selecionados, somente um torneio como este seria capaz de mobilizar os sentimentos do futebol junto da rivalidade pré-existente entre lusos e nacionais da maneira que foi registrada na cidade em questão. Mesmo que anteriormente a grande imprensa já tenha registrado pequenos embates entre as duas torcidas motivadas pelo futebol, as consequências da derrota brasileira para os portugueses na Copa da Inglaterra apresentam o ápice desta rivalidade histórica, dentro do campo dos selecionados.

O Brasil na Copa do Mundo de 1966

Na Copa de 1966, o Brasil iniciou a competição com desfalques importantes, entretanto após a estreia vitoriosa sobre a Bulgária²⁶, o otimismo tomou conta da imprensa. A esperança naquele escrete era nítida após a primeira partida e o tricampeonato já era bastante invocado pelos brasileiros. Os próprios dirigentes se posicionavam com otimismo. O Sr. Alfredo Curvelo, presidente substituto da CBD, deixava claro suas impressões sobre a seleção em conversa com o *Jornal dos Sports*:

[...] Mesmo sem o Gérson, que faz falta naquele meio-de-campo, o time estêve, realmente, à altura dos títulos conquistados em Estocolmo e Santiago do Chile. Esta vitória teve grande influência psicológica em nossos jogadores. Agora vamos para o tri, podem acreditar²⁷.

Algo curioso a se notar no Goodison Park, estádio do Everton, durante a partida contra a Bulgária foram as diferentes bandeiras observadas atrás do gol brasileiro, em apoio à seleção. Dentre elas, uma ganhou destaque pelo *Jornal dos Sports*. “Uma imensa bandeira de Portugal foi hasteada atrás do gol de Gilmar, significando a torcida portuguesa, a torcida de Portugal pela vitória brasileira. As

²⁶ O Brasil venceu a partida por 2x0 sobre os búlgaros.

²⁷ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1966, p. 2.

bandeiras do Brasil e Portugal estiveram identificadas com uma só torcida, a brasileira.”²⁸.

O registro destacado pela imprensa se faz curioso por alguns pontos que merecem destaque. Primeiramente o fato de Portugal e Brasil estarem no mesmo grupo da primeira fase da competição, significando que mesmo havendo a possibilidade de ambos se classificarem para a fase seguinte, os selecionados ainda eram concorrentes diretos nesse primeiro momento. Além disso, o discurso apresentado pela imprensa insistia na união das nações, lendo a presença de uma única bandeira portuguesa, que não era a única de diferente simbolismo presente na arquibancada brasileira, como a união das torcidas. E por fim, é preciso destacar onde a presença de uma bandeira lusa no meio de brasileiros era aceita. O recorte é necessário visto os antecedentes e princípios de confusões entre brasileiros e portugueses em jogos anteriores, quando em terras nacionais, onde naquela época trabalhadores e distintas classes sociais tinham acesso aos estádios e aos jogos do selecionado. Os brasileiros presentes em Liverpool, para acompanharem a partida naquele evento, não se tratavam necessariamente dos mesmos que tendiam a rivalizar com os lusitanos dentro do Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro devido à cultura do mundo do trabalho. A evidência desse detalhe se fará mais presente na análise da repercussão das vitórias de Portugal, ao longo da primeira fase do campeonato, dentro do território carioca.

Após a segunda partida do selecionado na competição, dessa vez contra a Hungria, o clima esperançoso se alterou por completo. A derrota para os húngaros²⁹ trouxe, além de tristeza, o desespero para os torcedores nacionais. As cenas vistas no centro da cidade do Rio de Janeiro variavam de choros à inconformidade, mas todos culpavam a comissão técnica pelo resultado.

Na tentativa de explicar as reações causadas pela derrota futebolística nos brasileiros, o *Correio da Manhã* entrevistou o psiquiatra Neves Manta, ex-presidente da Academia Brasileira de Medicina, que atribuía a perda da euforia

²⁸ Idem.

²⁹ Dessa vez, o Brasil perdeu por 3x1 para a Hungria.

coletiva à “contaminação psicológica” capaz de “levar os indivíduos emocionalmente fracos a uma série de atentados contra a própria pessoa”³⁰.

Torcedor brasileiro, principalmente em dia de derrota, é caso de psiquiatra. A fixação pelo futebol pode ser explicada até culturalmente. A loucura coletiva que se apodera da massa quando torce pelo seu clube ou país, no Brasil, é típica de um povo que, em regra geral, só se sente normal quando em um dos extremos da cadeia de emoções psíquicas, a euforia ou a maior depressão³¹.

O psiquiatra ainda explica que o futebol serviria de fonte de esquecimento dos problemas diários que o brasileiro enfrentava, e deixava claro que aqueles abalados pelas derrotas, de maneira quase irracional, tinham características e classe específicas.

As dificuldades de ordem econômica, principalmente, ajudam a caracterizar os motivos da loucura coletiva que reina em dia de jogo do Brasil, na Cinelândia por exemplo. As classes mais abastadas, a chamada elite social, estão menos interessadas na vitória, vibram menos que a classe média e o operário. A intensidade da compressão na válvula de escape é função da intensidade dos problemas financeiros, daí a enorme popularização do futebol, graças ao fenômeno da contaminação interpsicológica³².

Ao assumir esse discurso, a imprensa já tratava de explicar qualquer reação negativa brasileira diante de qualquer derrota, novamente atribuindo às classes baixas a culpa de qualquer prática contundente. Desta forma, era assumido no *Correio da Manhã* o discurso das elites, que tendiam a relacionar o jogo em campo ao imaginário social brasileiro, e também a culpabilizá-lo por qualquer atitude “negativa” surgente das relações com o desporto. Entretanto, o que enxergaremos na análise a seguir é a reação popular frente ao histórico de anos de exploração e relações não privilegiadas no próprio território nacional.

Como já ressaltado, as rivalidades do desporto se explicam pelo encontro de equipes que representam as experiências, tensões e dilemas de torcedores comuns, que enxergam na partida em si o confronto das questões sociais e culturais externas ao mundo da bola (Damo, 2014). A partir da derrota brasileira para a Hungria, a imprensa não pôde mais esconder a rivalidade presente entre lusos e nacionais na cidade, pois o jogo seguinte contra os portugueses seria determinante para a permanência na competição que poderia trazer o tricampeonato para o Brasil. Desta forma, os periódicos passaram a apresentar

³⁰ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1966, p.3

³¹ Idem

³² Idem

as questões concernentes ao mundo do trabalho de forma mais assídua, agora representadas através da rivalidade futebolística.

O Brasil enfrentaria a seleção de Portugal no dia 19 de julho, e precisava vencer a partida por uma diferença de pelo menos três gols para se manter na competição. Tal resultado se fazia necessário após a vitória portuguesa por 3x0 sobre a Bulgária, o que culminou em diversos festejos da colônia lusa no Rio de Janeiro. Membros do corpo diplomático, comerciantes da Rua do Acre e ambulantes na Rua do Senado, o *Correio da Manhã* registrou grandes comemorações ao redor da cidade que se iniciaram antes mesmo do apito final do jogo³³. De acordo com o periódico, já era possível escutar os sons ensurdecedores dos foguetes e dos gritos de “Portugal” quando ainda faltavam quinze minutos para o fim da partida. Os portugueses se reuniam ao redor dos rádios e de bandeiras lusas para vibrarem e chorarem abraçados³⁴.

A partida que interferia diretamente no futuro do selecionado nacional na competição, trouxe tensão para a cidade do Rio de Janeiro após a vitória portuguesa. O *Correio da Manhã* registrou que em algumas partes da cidade, onde havia a maior concentração de brasileiros, os festejos lusitanos foram menores³⁵. Temendo atritos com os nacionais, que torciam contra a seleção de Portugal, muitos gritos tiveram de ser sufocados ao longo do jogo, somente sendo possível ao fim da partida, quando a felicidade não pôde mais ser calada. Outros espaços comumente ocupados por portugueses em dia de jogo, na tarde daquele 16 de julho, estavam vazios pelo temor dos possíveis embates. O jornal chamava atenção para a falta de lusos nas praças públicas onde os serviços de alto-falantes irradiavam a partida, e onde, também, o cenário era composto por uma maioria de brasileiros desesperançosos³⁶.

Quanto mais próximo o jogo decisivo entre Brasil e Portugal estava, mais os ânimos na cidade se acirravam. Os mais preocupados com a possível vitória portuguesa, e conseqüente desclassificação brasileira, eram os donos dos estabelecimentos lusos, que mesmo antes da partida tentavam ao máximo se isentar de suas torcidas.

³³ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1966, p.3.

³⁴ Idem

³⁵ Idem

³⁶ Idem.

Muitos donos de bares pretendem não trabalhar hoje, durante o jogo Brasil e Portugal. É que a maioria desses estabelecimentos pertence a cidadãos portugueses, que desejam evitar [...] possíveis problemas, depois do jogo, caso seja negativo para o Brasil. Um português de Copacabana, muito vivo, já preparou seu cartazinho, afixando-o sobre a porta do seu boteco. [...] Diz o cartaz: ‘Sou português, mas torço pelo Brasil’³⁷.

Assim como o *Jornal dos Sports*, o *Correio da Manhã* também explicitava a preocupação da colônia portuguesa radicada na cidade. Os relatos da imprensa deixavam clara a tensão previamente existente entre os dois grupos. Enquanto brasileiros passaram os últimos dias antes da partida discutindo os problemas da seleção, os lusos temiam os rumos que o jogo poderia tomar.

Os donos de bares e botecos da cidade, estão preocupados com a possibilidade da vitória de sua seleção, que acarretará a desclassificação do Brasil, e chegam a desejar que tenham uma derrota. Alguns donos de bares estão pendurando bandeiras do Brasil pelas portas. Num bar do centro, um português reparava as portas metálicas, arrancou de um torcedor a seguinte pilhéria: “É velhinho, azeitando as portas para amanhã. Se o Brasil perder acho melhor voltar para Portugal”³⁸.

Mesmo que poucas ameaças explícitas de brasileiros para portugueses tenham sido registradas pela imprensa carioca, o tom de rivalidade passou a fazer parte do dia-a-dia dos periódicos. O medo claro das possíveis consequências de uma desclassificação nacional passou a fazer parte do discurso dos jornais que até então abafavam a rivalidade entre as duas nações. Além do posicionamento amedrontado dos portugueses moradores da cidade, outros discursos demonstravam que a relação entre nacionais e lusos não eram tão amistosas quanto a imprensa tentava mostrar.

A partir da atmosfera temerosa que tomou conta da cidade, como já apresentado neste estudo, o futebol ao longo do evento passou a ser questionado em alguns discursos da imprensa sobre seu papel “alienante” das massas. A ideia de que o desporto era prejudicial a quem o acompanhava passou a ser fundamental a partir da possível desclassificação precoce do selecionado nacional, visto que era bastante possível a revolta brasileira frente uma derrota para os portugueses. A tentativa de desqualificar o significado do esporte nos jornais carregava o claro medo das consequências da partida do dia 19 de julho.

³⁷ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1966, p.6.

³⁸ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1966, p. 3.

Em entrevista para o *Correio da Manhã* antes mesmo da partida entre Portugal e Hungria, o jornalista Barão de Itararé explicava o papel alienante do esporte atribuindo às classes baixas o verdadeiro problema. Novamente o periódico assumia esse discurso que passou a estampar os jornais do Rio de Janeiro quanto mais o jogo entre Brasil e Portugal se aproximava.

E no Brasil, segundo Aparício Torelli, o futebol é como a cachaça, feito para desviar sua atenção dos seus verdadeiros problemas. Por isso a verdadeira loucura que se apodera do povo age principalmente no meio mais pobre, nos operários. “Os clubes – disse – só podem ganhar, perder ou empatar. Não passam disso.” O Barão acha que [...] quem alimenta essa tendência natural do temperamento brasileiro para a cegueira do conhecimento é porque não deseja vê-lo libertado do jugo de um patrão escravizador, interessado em permanecer escondido e desviando a atenção do povo de seus atos³⁹.

Na seção “Cartas dos Leitores” do *Jornal do Brasil*, o Sr. João Antero dos Santos avaliou as competições esportivas internacionais como “nocivas” e de “nenhuma finalidade construtiva”, deixando claro seu desgosto especial pela Copa Jules Rimet, pois para ele, em comparação à Copa, torneios como as Olimpíadas, “não nos comovem de perto”.

[...] “Uma partida como a que vai ser realizada terça-feira próxima, entre Brasil e Portugal, só serve para prejudicar os laços sempre fraternos entre os dois grandes povos.” O leitor acha que para os latinos a questão é muito mais grave. “É mais um pretexto para dividir as nações, os povos, os homens, já divididos demais por pretextos variados e fúteis.”⁴⁰.

A avaliação do leitor evidencia ainda mais o significado popular da relação entre brasileiros e portugueses, pois segundo seu relato, já se esperava um rompimento entre ambos caso a derrota nacional viesse. João Antero, ainda, representa o discurso apaziguador das elites e da imprensa que insiste em aproximar os laços luso-brasileiros, vendo no futebol um inimigo capaz de separar essa relação já estabelecida, segundo o leitor.

É importante avaliar que a tentativa de desqualificar o papel social do futebol sempre esteve presente, principalmente entre as elites. Roberto DaMatta já analisava a tentativa de significar o desporto como “ópio do povo” por partes da sociedade, representando-o como irrelevante perto das “verdadeiras” necessidades do povo brasileiro. Entretanto o autor lembra que essa mesma

³⁹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1966, p.3.

⁴⁰ *Ibid.*, p.6.

sociedade sempre demandou bastante desse “meio de distração”, fazendo com que este objeto signifique mais que somente o atestado de uma sociedade não intelectualizada e atrasada, passando a atender a um papel social (DAMATTA, 1982).

Frente ao aumento de declarações elitistas e desqualificadoras acerca do futebol, tais como do psiquiatra Neves Mantra, do Barão de Itararé e do leitor Sr. João Antero, a partir da proximidade da partida entre Portugal e Brasil, assumo que a finalidade de tais discursos esteja diretamente ligada à tentativa de desqualificar a batalha travada entre portugueses e brasileiros na cidade, visto o clima de rivalidade assumido entre ambos quando a permanência dos nacionais na Copa do Mundo passou a depender mais da derrota portuguesa que dos próprios brasileiros. Diminuir a representação nacional do desporto dentro da cidade poderia de alguma forma reduzir os ânimos já exaltados entre a população carioca, entretanto o que se viu após a derrota brasileira⁴¹ para os portugueses no dia 19 de julho foi a expressão antilusitana mais genuína e justificada.

Brasil x Portugal: o embate fora do campo

A derrota brasileira foi marcada pela comoção geral na cidade do Rio de Janeiro. No dia seguinte à partida, a primeira página do *Jornal dos Sports* anunciava: “tôda a torcida chora nas ruas com a derrota”⁴², enquanto a capa do *Jornal do Brasil* registrava vários desmaios e pelo menos uma morte por emoção após a notícia de que Pelé saíra machucado de campo após a violenta marcação em cima do craque⁴³. Dentre as reações, um português fora preso por ter rasgado a bandeira do Brasil, e após a partida o presidente Castelo Branco, que nem mesmo escutara o jogo, condecorou Pelé com a Ordem de Rio Branco, no Grau de Cavaleiro, visto a notoriedade que o jogador carregava consigo elevando o nome do país no exterior⁴⁴.

“3 a 1 põe amizade portuguêsã em jôgo”⁴⁵. A manchete do *Correio da Manhã* chamava atenção para como a derrota abalara as relações estabelecidas

⁴¹ A seleção brasileira foi derrotada pelos portugueses por 3x1

⁴² *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p.1.

⁴³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p. 1.

⁴⁴ A relação do estadista com o selecionado claramente não era forte, nesse momento o que realmente interessou ao presidente era a fama do Brasil frente às nações modernas.

⁴⁵ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p. 3.

entre lusos e brasileiros após as confusões. Ainda insistindo em uma proximidade entre as duas nações, o periódico tentava alegar uma reação de surpresa após os confrontos na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, no decorrer da edição, o jornal relatou seis conflitos ocorridos no dia anterior, em que pelo menos três deles envolviam ataques a estabelecimentos portugueses. “A tradicional fraternidade luso-brasileira foi esquecida ontem após a marcação do primeiro gol de Portugal, culminando a animosidade entre brasileiros e lusitanos no final da partida, quando ocorreram seis conflitos: seis pessoas [...] foram parar no hospital”⁴⁶.

Já o *Jornal do Brasil* expunha a imagem de brasileiros em frente a um botequim no centro do Rio de Janeiro com a seguinte legenda: “Por temor às explosões da torcida brasileira magoada, o proprietário português fechou o seu botequim”⁴⁷. Na mesma página, o periódico chamava atenção para os principais alvos dos brasileiros indignados com a derrota.

Torcedores descontentes com a derrota do Brasil frente a Portugal, saíram ontem em grupos pelas ruas do centro da Cidade aos gritos de “Brasil, Brasil, Brasil” [...] detendo-se diante de casas comerciais pertencentes a portugueses, e exigindo que os empregados cerrassem as portas.⁴⁸

Dentre os conflitos registrados pelo *Correio da Manhã*⁴⁹, Antônio Manuel de Sousa, português, gerente de um armazém na Rua São José, teve a cabeça quebrada ao tentar impedir um grupo de rapazes que tentavam fechar o estabelecimento. À porta do armazém, aos gritos de “fecha a loja do galego” e “português só ganha com a ajuda de brasileiros”, referindo-se a Oto Glória, brasileiro, treinador da seleção portuguesa, os rapazes atiravam batatas para dentro do estabelecimento, de modo que quando Antônio tentou acalmar o grupo, fora atingido por uma pedra, tendo que ser encaminhado para o Hospital Souza Aguiar.

Outro registro do mesmo periódico⁵⁰ relatava uma lanchonete de propriedade portuguesa entre a Rua Haddock Lobo e a Maestro Heitor Villa

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho e 1966, p.5.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p. 3.

⁵⁰ Idem.

Lobos, no bairro da Tijuca, que mesmo sem estar aberta na ocasião do jogo, fora bombardeada de tomates e ovos ao fim da partida por brasileiros revoltados.

Já o *Jornal do Brasil*⁵¹ do dia 20 de julho trazia um relato curioso diretamente do bairro do Centro. O cartaz “Atenção, somos espanhóis. A Gerência.” fora colocado na porta do Ike Bar como medida de segurança pelos proprietários. Indagados sobre o aviso, os donos do estabelecimento alegaram haver escutado que “os brasileiros iam quebrar todos os bares de portugueses do centro da cidade”, de modo que por medo de serem confundidos, preferiram esclarecer suas próprias nacionalidades.

Em uma árvore na praça da Cinelândia, um cartaz anunciava a escalação das duas equipes: “linha do Brasil: São João; S. José; S. Paulo; S. Pedro; Jesus Cristo; Pelé e S. Jorge”. Enquanto isso, sobre o selecionado português, o cartaz anunciava: “Prego; Madeira; Lixa; Verniz; Couro; Salto; Canoa; Pinho; Brocha; Tinta – reservas: Cimento e Cal – assinado: Camões.”⁵² A alusão aos materiais de construção, tecido, matérias-primas de confecção, e outros, estavam diretamente atreladas às representações permanentes dos portugueses no território fluminense.

Em Niterói, a precaução frente às ameaças sofridas pelos donos dos estabelecimentos portugueses, não foi diferente.

A maioria dos bares e botequins da cidade, de propriedade de portugueses, fechou ontem depois do jogo entre Portugal e Brasil, como comemoração pelo triunfo e, em parte, para evitar possíveis represálias de torcedores mais exaltados, como um grupo da Ponta da Areia, que ameaçou depredar um estabelecimento, cujo dono comemorava o resultado da partida⁵³.

Os relatos da imprensa esclareciam a permanência do antilusitanismo defendido por Gladys Ribeiro em seu trabalho (Ribeiro, 2017), a partir de dois pontos principais. Além dos variados relatos de ataques de brasileiros aos estabelecimentos comerciais lusos no Rio de Janeiro, mesmo os confrontos ou xingamentos deferidos aos portugueses remontavam a ideologia do trabalho fortemente presente na virada do século. A continuidade no uso do termo “galego”, referente aos moradores da Galiza que aceitavam baixos salários em

⁵¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho e 1966, p.5.

⁵² *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p. 3.

⁵³ Idem.

troca de horas de serviço pesado à época da virada do século, e a permanência da relação entre o imaginário do lusitano com o título de trabalhador, demonstram como eles ainda eram vistos dentro do Rio de Janeiro.

Ademais, como registrado pelos jornais da época, o temor aos ataques brasileiros já era esperado pelos donos dos estabelecimentos, de modo que grande parte dos bares e botequins permaneceram fechados. Para além disso, ainda há o registro de casas comerciais que mesmo assim foram atacadas, mesmo com suas portas fechadas. Desta forma, é importante notar que os mais preocupados com o resultado do jogo naquele dia 19 de julho de 1966 foram os donos dos estabelecimentos, sendo possível afirmar que não somente a rivalidade entre lusos e brasileiros permanecia, mas também que esta continuou atrelada ao imaginário do trabalho.

Ainda que a rivalidade futebolística entre Brasil e Portugal tenha migrado para as representações de Flamengo e Vasco, dentro do estado do Rio de Janeiro, ainda nos anos 1960, ela era constituída de vestígios da realidade sociocultural do final do século XIX. E mesmo que os eventos do dia 19 de julho tenham evidenciado a antiga inimizade, os discursos da imprensa e das autoridades tentavam manter a rivalidade fora dos noticiários.

Apesar de não ter ouvido o jogo entre Brasil e Portugal, pois não pôde cancelar os inúmeros compromissos programados para a tarde de ontem, o Marechal Costa e Silva lamentou a derrota e disse que todos os brasileiros têm a obrigação de torcer pela seleção de Portugal⁵⁴.

O militar, que viria a ser eleito presidente da República no mesmo ano, mantinha o discurso de amizade entre as nações, repetido pelas elites e pela grande imprensa. Enquanto isso, o Sr. Alfredo Curvelo, que temporariamente substituíra João Havelange na presidência da CBD, declarou ao *Jornal do Brasil* na noite do jogo “que estava satisfeito ‘com a prova de compreensão do povo brasileiro pela maneira desportiva com que recebeu a derrota do Brasil.’”⁵⁵ A fala do dirigente ignorava completamente os acontecimentos iniciados na cidade ainda durante a partida, visto que os atos de violência, as ameaças e o grande número de confusões da mesma noite da entrevista, explicitavam o clima de guerra entre nacionais e lusos após a derrota.

⁵⁴ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de julho e 1966, p.5.

⁵⁵ *Idem*.

Assim como Costa e Silva, Alfredo Curvelo e a grande imprensa se mantiveram fieis ao discurso da irmandade luso-brasileira. Mesmo havendo mudanças no discurso da imprensa com o passar dos anos, havia continuidades, tais como a tendência de manter a imagem aproximada entre as nações. Entretanto, a partir dos eventos ocorridos no Rio de Janeiro após a derrota brasileira, evidenciava-se que o discurso das elites, também representado pela imprensa, não era compatível com a realidade local.

Além dos confrontos protagonizados por lusos e brasileiros posteriormente ao jogo, não somente relacionados aos estabelecimentos lusitanos, a atmosfera de uma rivalidade perigosa, a ponto de fechar estabelecimentos no dia anterior e deixar a guarda municipal alerta, já estava presente na cidade dias antes da partida⁵⁶. O que se pode afirmar a partir disso, é que a inimizade e os embates entre ambos não eram incomuns no Rio de Janeiro, além de confirmar a pré-existência da rivalidade construída em anos de colonização e, posteriormente, sob a ideologia do trabalho.

O *Jornal dos Sports*, ainda, deixava claro que a rivalidade se estendia, inclusive, para estados com colônias portuguesas menores que a do Rio de Janeiro, como era o caso da cidade de São Paulo, em que “A colônia lusa, bem menor que a do Rio, comemorou discretamente a vitória de Portugal talvez com medo de represálias.”⁵⁷. Além disso, alguns incidentes também estouraram na capital paulista, entretanto os focos dos populares revoltosos tratavam-se, principalmente, de lojas avulsas, independente da nacionalidade dos donos dos estabelecimentos, com o objetivo de registrarem sua indignação com a comissão técnica.

A análise elucida a presença de uma rivalidade luso-brasileira intensa em território fluminense, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde a colônia portuguesa se fazia maior. Mesmo que conflitos entre lusitanos e brasileiros tenham sido registrados em outras partes do Brasil, em território fluminense, as causas atreladas à ideologia do trabalho se fazem evidentes e comprovadas. Desta forma, é notória a contradição dos discursos da grande imprensa que insistiam

⁵⁶ Para entender melhor os acontecimentos no estado do Rio de Janeiro antes e depois da partida entre Brasil e Portugal, ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966.

⁵⁷ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966, p.2.

em tentar unir as duas nações através de laços de amizade, quando após a derrota brasileira em um evento tão importante dentro dessa sociedade, evidenciavam-se anos de rivalidades causadas, notadamente, pelo mundo do trabalho na virada para o regime republicano.

Considerações finais

A partir da investigação apresentada, a desarmonia entre portugueses e brasileiros é evidenciada em terras fluminenses, ainda se estendendo por territórios adjacentes ao estado em questão. A grande imprensa, representada pelos seus próprios interesses, ao longo dos anos se mantiveram fieis à representação de uma aproximação entre as duas nações, respaldados, principalmente, pelos interesses políticos nacionais. Desta forma, ao longo dos confrontos entre Brasil e Portugal, periódicos de grande circulação, tais como o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã* e o *Jornal dos Sports*, mesmo alterando seus tratamentos quanto à nação portuguesa, ainda assim, tentavam irmanar as duas seleções, através do futebol e de outros meios.

Mesmo com a manutenção de alguns discursos por parte da imprensa e por parte das elites políticas apresentadas neste trabalho, também através desta imprensa, os eventos ocorridos posteriormente à derrota brasileira, frente à seleção de Portugal em 1966, provaram que havia por parte dos veículos de comunicação a vontade de estabelecer uma união e, ao mesmo tempo, esconder a verdadeira relação entre os populares da cidade do Rio de Janeiro. A partir da relação estabelecida entre sociedade brasileira e futebol, responsável por levar a campo os embates sociais nacionais, a verdadeira convivência entre lusitanos e brasileiros veio à tona nas páginas dos periódicos fluminenses.

A análise dos confrontos a partir destes jornais, além de evidenciar a rivalidade em questão, apresentou uma das grandes motivações da permanência da inimizade: as relações de trabalho estabelecidas desde a virada do século XIX para o século XX. Os ataques massivos aos estabelecimentos portugueses e a troca de ofensas relacionando o imaginário luso ao imaginário do trabalho foram os grandes marcadores dos eventos ocorridos na cidade após a segunda derrota brasileira da história para os portugueses.

Um ponto importante é notar que mesmo havendo vários confrontos futebolísticos entre Portugal e Brasil ao longo da história, o único momento que a grande imprensa noticiou embates violentos e confusões nessas proporções foi em uma Copa do Mundo, evidenciando a premissa do antropólogo Arlei Damo que elucida a importância da implementação dos circuitos de disputas, como primordiais na construção de sentido às partidas de futebol (DAMO, 2014).

Desta maneira, se faz necessária a compreensão da importância do desporto analisado como verdadeiro papel social (DAMATTA, 1982) dentro do Brasil. A construção da pesquisa realizada partiu da análise do futebol dentro da sociedade brasileira para compreender a rivalidade entre Brasil e Portugal crescente ao longo dos anos de confronto dentro do mundo do desporto. Entretanto, tal rivalidade somente pôde ser evidenciada na partida da Copa do Mundo de Futebol da Inglaterra, do ano de 1966, quando é notória a presença prática da contribuição do estudo acerca das relações de trabalho estabelecidas entre nacionais e portugueses na cidade do Rio e Janeiro (RIBEIRO, 2017). Por fim, o futebol acaba por se tornar um espaço de verificação dos conflitos sociais estabelecidos entre lusos e nacionais, aquele que leva para dentro das quatro linhas os embates reais da vida social brasileira, ou melhor, da vida social fluminense.

Periódicos

A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar, 12 de junho de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030678/8641>

Correio da Manhã, diversas edições. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/56867

Gazeta de Notícias, 12 de junho de 1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_08/24358

Jornal do Brasil, diversas edições. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/58021

Jornal dos Sports, diversas edições. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/112518_03/12994

Referências bibliográficas

BRASIL. **Decreto nº 41.662, de 11 de junho de 1957**. Cria no Ministério das Relações Exteriores a Comissão Permanente para a Aplicação do Tratado de

Amizade e Consulta entre o Brasil e Portugal (CTAP). Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, p. 16021, 1957. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-41662-11-junho-1957-380419-publicacaooriginal-1-pe.html>>, acessado em 18 de outubro de 2020.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)**. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

DaMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 23-55.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: O legado de Vargas. **Revista USP**, São Paulo, n.65, p. 105-119, março/maio 2005.

MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de Sangue Privilégios e Intolerância à Imigração Portuguesa no Brasil (1822-1945)**. Porto: CEPES, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas - O antilusitanismo na Primeira República**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. **Lecturas: Educación Física Y Deportes**. Buenos Aires, Ano 8, n° 56, 2003.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

Tribunal Superior do Trabalho – Disponível em: <http://www.tst.jus.br/documents/10157/24744953/Legisla%C3%A7%C3%A3o+trabalhista+no+Governo+Vargas.pdf>, acessado em 20 de outubro de 2020.